

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ZAMBUJAL. UMA FORTIFICAÇÃO DA IDADE DO COBRE EM PORTUGAL.

SANGMEISTER, Edward; SCHUBART, Hermanfrid

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

SANGMEISTER, Edward; SCHUBART, Hermanfrid, Zambujal. Uma fortificação da Idade do Cobre em Portugal. *Revista de Guimarães*, 80 (3-4) Jul.-Dez. 1970, p. 391-400.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Zambujal

Uma fortificação da Idade do Cobre em Portugal

Por EDWARD SANGMEISTER
e HERMANFRID SCHUBART

Quando os Fenícios e os Gregos estabeleceram as suas feitorias nas costas da Península Ibérica depararam com uma população indígena que já há milhares de anos se encontrava sob uma marcada influência cultural do Oriente Mediterrâneo. No litoral hispânico do Leste e Sul, onde a paisagem, a vegetação e o clima são caracteristicamente mediterrâneos, a Península estava naturalmente também sujeita às influências culturais dessa

Nota da Redacção. Nas últimas três décadas foram localizadas na península de Lisboa várias estações arqueológicas cujas explorações se têm revestido de extraordinário interesse para um melhor conhecimento das Culturas Eneolítica e do Bronze inicial no nosso território, que ainda aguardam a solução de muitos e obscuros problemas. Contam-se já algumas dessas importantes estações, situadas a escassos quilómetros da margem direita do Tejo: — Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), Pedra do Ouro (freg. de Santo Estevão, Alenquer), Penedo (freg. de Vialonga, Vila Franca); uma outra, próxima da costa marítima: — Zambujal (freg. de Santa Maria, de Torres Vedras). Em todos estes povoados pré-históricos têm sido exumados espólios idênticos, e as escavações têm posto a descoberto fortificações defensivas com características especiais, que encontram paralelos na célebre estação espanhola de Los Millares, na província de Almeria, e noutras do Mediterrâneo Oriental. Além dos estudos realizados por bem conhecidos arqueólogos portugueses, ali têm nas nossas estações também colaborado, com autorização superior e a concordância da Subsecção de Arqueo-

zona. Notam-se nesta área peninsular vestígios dessas relações com o Próximo Oriente desde o Neolítico antigo. As influências culturais de tão remota época são mais evidentes do que as resultantes das próprias migrações, que, por si só, dificilmente se fazem notar. Por outro lado, pode fixar-se na zona do Mediterrâneo Ocidental a origem de certos empreendimentos.

A intensificação da procura dos metais, especialmente do cobre, deu lugar a um comércio que possibilitou maiores contactos com as grandes culturas arcaicas do Mediterrâneo Oriental. Pelo rápido desenvolvimento dessa actividade comercial se explica também a divulgação do conhecimento dos metais por toda a zona mediterrânea. A procura do cobre deu simultaneamente origem à exploração das fontes da matéria prima e à propagação da Cultura. Logo que a utilização do metal foi introduzida em Creta e nas Ilhas do Egeu, também a navegação se pôs ao serviço da procura do cobre, como era natural. Pela via marítima foi-se alargando o raio de acção das empresas e novos e mais distantes jazigos foram localizados.

Onde quer que no Mediterrâneo Ocidental se nos deparem vestígios da mais antiga cultura do metal, logo aí se revela a marca de uma organização comunitária, na qual a especialidade da prospecção metalúrgica é uma actividade estranha às populações locais, a que estas, só após longos contactos, foram assimiladas (1).

logia da Junta Nacional de Educação, equipas de arqueólogos alemães que, dispondo de bons meios materiais de acção e de uma excelente preparação técnica, têm publicado, em Revistas alemãs, relatórios modelarmente documentados, cuja versão portuguesa importa dar a conhecer entre nós, visto que em Portugal é pouco vulgarizada a língua alemã. Neste propósito publicamos hoje na *Revista de Guimarães* a tradução de um resumo vindo a lume no *Archäologischer Anzeiger* (Berlim, 1969, fasc. 2, pp. 119-125), acerca das escavações na estação do Zambujal, durante as campanhas ali realizadas em 1964, 66 e 68 pelos investigadores Srs. Prof. Dr. Edward Sangmeister, da Universidade de Friburgo, e Dr. Hermanfrid Schubart, da Secção madrilena do Instituto Arqueológico Alemão. Esta versão, permitida pelos autores, foi obsequiosamente feita pelo sócio da Soc. Martins Sarmento Sr. José Salgado Guimarães.

(1) Cf. aqui e a seguir: B. Blance, *Antiquity* 35, 1961, 192 ss.; E. Sangmeister, «Die Bronzezeit im Westmittelmeer», *Saeculum-Weltgeschichte* I, 551 ss., Bibliografia 662.

Algumas dessas antigas feitorias ligadas à exploração e comércio do metal são hoje conhecidas no Mediterrâneo Ocidental, especialmente em Espanha e Portugal. Encontram-se situadas não longe do mar, entre a costa e os jazigos metalíferos, servidas por vias de comunicação com a orla marítima. Estes estabelecimentos comerciais eram protegidos por meio de sólidas fortificações, cujas concepções estruturais (baluartes de flanqueamento, fortes avançados) somente no Egipto, Ásia Menor e em Syros encontram paralelos. As casas de planta circular ou oval dão a estas feitorias quase que o aspecto das cidades mediterrâneas. Abundam os vestígios do trabalho artesanal, especialmente o que estava ligado à indústria do cobre, facto que ainda mais acentua aquele aspecto. Nas poucas estações até hoje conhecidas encontram-se restos que testemunham culturas do Mediterrâneo Oriental, espécimes de pequenas caixas, ou escrínios, pentes e agulhas de osso, vasos de calcário, bem como certos tipos de cerâmica cuja presença só pode atribuir-se à existência de relações com o Oriente.

Após as escavações que em tempos não distantes se haviam efectuado em dois lugares desta natureza (Los Millares (2), na Província de Almeria, e em Vila Nova de São Pedro (3), perto de Lisboa), foi possível proceder a uma mais segura e ampla exploração de uma destas feitorias que denotam influências do Mediterrâneo oriental. A 40 quilómetros a noroeste de Lisboa e apenas a 12 da costa atlântica, encontra-se, numa altura formando um esporão e dominando um vale fluvial, a fortaleza da Idade do Cobre do Zambujal (Torres Vedras). Dessa estação, especialmente da parte mais elevada da fortificação, desfruta-se uma extensa vista sobre o vale do Sizandro, ao

(2) M. Almagro e A. Arribas, *El poblado y la Necrópolis Megalíticas de Los Millares* (Madrid 1963), Fig. 3, Estampas 1-6. Cita a antiga literatura.

(3) A. do Paço e E. Sangmeister, «Vila Nova de S. Pedro, eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal», *Germania* 34, 1956, 211 ss., em especial 215, fig. 3; também ali é citada a antiga literatura; A. do Paço, «Castro de V. N. de S. Pedro. XIV-XVI», *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, 14, Lisboa 1964 pp. 135 ss.; Cf. também V. Leisner e H. Schubart, «Die kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro/Portugal», *Madridrer Mitteilungen* 7, 1966, 20 ss., fig. 3 ss., p. 46.

passo que, na direcção do poente, uma cumeada mais alta corta o largo panorama. A posição assente neste local mostra ter sido muito bem escolhida, pois dali divisam-se perfeitamente o mar e o caminho para a costa, enquanto que do mar não se descobre facilmente aquela fortaleza.

A estação arqueológica do Zambujal foi descoberta em 1938 por Leonel Trindade, e logo se reconheceu a sua importância (4). A partir de 1944, mas especialmente em 1959-60, foram ali realizadas escavações por iniciativa de arqueólogos portugueses, as quais, todavia, não conduziram a um resultado suficientemente esclarecedor de todo o conjunto das ruínas (5). Quando a Junta Nacional de Educação permitiu que o Instituto Arqueológico Alemão também ali praticasse escavações, tiveram início as campanhas que foram levadas a efeito pela Secção madrilena daquele Instituto e pelo Instituto de Pré- e Proto-história da Universidade de Friburgo, a primeira exploração em 1964 e a seguir as de 1966 e 1968.

O objectivo da primeira campanha (6) foi esclarecer a estratigrafia de um lugar onde a fortificação já em parte tinha sido posta a descoberto por uma antiga prospecção conduzida ao longo da muralha. O material recolhido nos estratos mais antigos correspondeu precisamente a Los Millares I e a Vila Nova de São Pedro I, e deu achados típicos do chamado «horizonte de importação» (7). Uma rigorosa estratigrafia deste complexo revelou desde logo uma diferenciação no meio desse nível, cujo exacto estudo foi resolvido que ficasse para mais tarde, depois de concluído o trabalho. Sòmente nos estratos superiores apareceram fragmentos de vasos campanifor-

(4) E. Jalhay, «O Monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras)», *Brotéria* 42, 1946, Fasc. 4; E. Jalhay, «Una fase interesante del Bronce Inicial Portugués», *Ampurias* 9/10, 1947/48, p. 14 s.

(5) Cf. A. do Paço, V. Leisner, L. Trindade, H. Schubart e O. Veiga Ferreira, «Castro do Zambujal (Torres Vedras)», *Boletim Cultural*, da Junta Dist. de Lisboa, 1964, pág. 279 ss.

(6) E. Sangmeister e H. Schubart, «Grabungen in der kupferzeitlichen Befestigung von Zambujal/Portugal, 1964», *MM.* 6, 1965, pág. 39 ss.; E. Sangmeister, H. Schubart e L. Trindade, *Escavações no Castro Eneolítico de Zambujal (Torres Vedras — Portugal)* 1964, Torres Vedras 1966, ed. da C. Municipal.

(7) *MM.* 6, 1965, p. 48 ss., est. 4b, c, 13A, 16; est. 26 b e *MM.* 10, 1969, figs. 2, 3a, 4a, b, d. ch.

mes⁽⁸⁾, correspondentes respectivamente à fase de Los Millares II e de Vila Nova de São Pedro II⁽⁹⁾. A planta do lugar e o alçado dos vários níveis estratigráficos encontraram os seus paralelos em Los Millares e Vila Nova de São Pedro, que, até agora, constituem os melhores protótipos destas feitorias⁽¹⁰⁾.

As escavações de 1966 e 68 tiveram por fim verificar a estrutura interior da fortificação. Com esta finalidade foi retirada uma pequena camada superficial de terras e posta a descoberto e limpa em toda a sua extensão a capa de pedras (*Fig. 1*). O resultado destes trabalhos foi registado numa planta à escala de 1:20⁽¹¹⁾. O conjunto fortificado consta de uma obra muralhada, de pedra com argamassa de barro, onde foi usada a técnica das paredes com dois paramentos, ou sejam paredes duplas, em que as superfícies exteriores são cuidadosamente aparelhadas, e, entre as duas, existe um enchimento de pedra meúda irregular. Ao todo, foram localizadas 11 torres e um grande número de restos de muros, que em partes mostram ainda intactos os paramentos, noutras apenas o enchimento interior. O exame destas torres e muros, postos a descoberto em diversas zonas da parte central e da exterior da fortificação, deu a conhecer uma série de quatro a seis fases de construção.

Um corte⁽¹²⁾ praticado em 1966 ao longo da parte mais larga da fortificação central (17 m.) revelou sete fases de construção. Primeiramente foram construídos, à frente e atrás da muralha mais antiga, com cerca de 2 m. de espessura, vários muros. Na quinta fase, foi erguida uma espécie de barbacã com uma altura superior a 3,50 m., mediante um muro levantado à frente do

(8) *MM.* 6, 1965, p. 48 ss., figs. 4e; 20; est. 26g; *MM.* 8, 1967, 77 fg. 13; *MM.* 10, 1969 fig. 1.

(9) Para a cronologia cf. E. Sangmeister, «Die Datierung des Rückstroms der Glockenbecher und ihre Auswirkung auf die Chronologie des Kupferzeit in Portugal», *Palaeohistoria* 12, Groningen 1966 (1967), assim como H. Schubart, «Zwei Belegungsphasen im Kuppelgrab Monte do Outeiro bei Aljustrel (Portugal)», *MM.* 6, 1965, p. 65 ss.

(10) Cf. notas supra 2 e 3, assim como *MM.* 7, 1966, p. 19 ss., figs. 3 e ss.

(11) E. Sangmeister e H. Schubart, *MM.* 8, 1967, planta anexa esc. 1:50 e *MM.* 10, 1969, planta anexa esc. 1:100.

(12) *MM.* 8, 1967, p. 50 ss., figs. 2-3.

conjunto central da fortificação. As últimas fases da construção apresentam torres ocas, com cobertura em falsa cúpula (*Fig. 2*), das quais, porém, apenas se conserva ainda a parte da base⁽¹³⁾. As duas torres exploradas na frente exterior continham fragmentos de cerâmica campaniforme, que parece faltarem nas fases de construção mais antigas.

Em 1968, em continuação da campanha de 1966, efectuaram-se pesquisas na parte interior da fortificação central. Nessa ocasião foi descoberto, no corte 27, um pano de muralha mais antigo, com cerca de 2,50 m. de largura e duas faces⁽¹⁴⁾, ao qual estavam ligadas seis fases de construção mais recentes. Esta muralha, em cuja face interior foi descoberta uma parte mais antiga, segue na direcção norte, segundo os cortes 26 e 37, apoiada numa larga base manifestamente contemporânea, a qual assenta directamente na rocha. Deste modo ficou também identificada, na sua primitiva forma, a muralha mais antiga da fortificação central, encontrando-se interrompida no seu alinhamento, aproximadamente rectilíneo, por uma construção saliente em forma de baluarte (E) voltado para oriente; e, nas fases mais tardias da construção, foram as suas faces revestidas de novas capas.

Já em 1966 ficara delimitada a barbacã pertencente à fase média da construção central⁽¹⁵⁾; em 1968 foi esta barbacã posta a descoberto até á rocha, onde, não obstante a grande inclinação das paredes e uma delas conter uma curvatura saliente, possui ainda uma área de 8 m. de comprimento por 3,50 m. de largo (*Fig. 3*). A parede que limita o lado nascente da barbacã, com quase 4 m. de altura, apresenta na face interior uma porta e oito pequenas janelas, espécie de seteiras, mas cuja verdadeira utilidade nos é ainda desconhecida (*Fig. 4*), postigos que se encontram sem comunicação com o exterior, tapados durante fases de construção mais modernas⁽¹⁶⁾.

(13) *MM.* 8, 1967, p. 50 ss., figs. 2 e 4.

(14) *MM.* 8, 1967, p. 56 s. e 67 s., figs. 2 e 3.

(15) *MM.* 8, 1967, p. 51, figs. 2, planta anexa.

(16) *MM.* 10, 1969, fig. 6, est. 1-3. Aberturas semelhantes existem nas muralhas de Mersin (cf. J. Garstang, *Prehistoric Mersin* [Oxford 1953] p. 130 ss., fig. 79 s.), como amavelmente nos indicou K. Bittel. Contudo também ali parece ser duvidosa a interpretação dessas aberturas como seteiras.

Nos lados norte, oriente e sul da fortificação central foram explorados estratos de ocupação humana contendo restos de casas redondas e sítios de lareiras (17). O esclarecimento da ligação entre a fortificação interior e a exterior (*Figs. 1, 5 e 7*), bem como a exploração completa desta última, constituirão os objectivos das próximas campanhas.

Entre os achados destacamos especialmente, a par de uma boa cerâmica de importação e campaniforme, agulhas, pentes e pequenos recipientes de osso, vasos e ídolos de calcáreo, bem como objectos de cobre — machados planos, alfinetes com cabeça em forma de espátula e, pontas de tipo Palmela (18). Além disso, aparecem com relativa frequência escórias de fundição, e recentemente alguns fragmentos de cadinhos, ainda com restos de metal aderentes, prova da existência neste local de uma intensa indústria do cobre.

Campanha de 1970

As escavações nesta fortificação da Idade do Cobre, do Zambujal, prolongaram-se desde 3 de Julho a 19 de Agosto de 1970, também levadas a efeito sob a orientação dos Drs. Sangmeister, da Universidade de Friburgo, e Schubart, da Secção de Madrid do Instituto Arqueológico Alemão, mediante um subsídio da Direcção Central desse Instituto. O Sr. Leonel Trindade, Director do Museu Arqueológico Municipal de Torres Vedras, continuou a prestar a sua colaboração. O Sr. Prof. Dr. D. Fernando de Almeida, Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa tem patrocinado e fomentado estas escavações por todos os meios possíveis. Tomaram ainda parte nesta campanha o Dr. Christian Strahm, de

(17) *MM.*, 6, 1965, p. 47, est. 22 b; *MM.* 8, 1967, 50 Corte 16, planta anexa.

(18) *MM.* 6, 1965, p. 48 ss. figs. 4, 5, 11-21, est. 25 s.; *M M.* 8, 1967 fig. 13; *M M.* 10, 1969, figs. 1-5. Um primeiro exame dos materiais encontrados, importante para a datação das diversas fases de construção foi publicado nos *MM.* 10, 1967, p. 37.

Friburgo, e a Dr.^a Christa Liebschwager, de Bochum, bem como estudantes das Universidades de Berne, Friburgo, Granada, La Laguna, Lima, Lisboa, Londres, Madrid e Porto, e ainda alguns colaboradores do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid. Como participantes na escavação, incluindo técnicos e colaboradores científicos, ocuparam-se na campanha cerca de 80 pessoas. Numerosos colegas portugueses, bem como alguns espanhóis e alemães, visitaram as escavações, designadamente uma excursão promovida pelo Instituto de Pré- e Proto-história da Universidade de Marburgo, acompanhada pelo Prof. Dehn.

Na zona da fortificação interior tentamos esclarecer a história das construções da parte sul, entre a torre *G* e a porta principal, análogamente ao que se tinha feito em 1968 nas partes norte e central. As escavações mostraram também, na parte sul, uma estrutura em degraus com uma passagem através de um muro mais antigo e uma espécie de pátio interior do lado de dentro dessa entrada. A escavação nesta zona deve ainda continuar, a fim de pormos a descoberto a parte mais antiga do núcleo das construções.

As explorações começadas em 1968 na fortificação exterior continuaram, o que permitiu descobrir o interior desta numa grande extensão. A muralha de cerca de 2 m. de espessura com diversos baluartes, e distanciada apenas poucos metros da fortificação interior, é independente desta. Além da porta sul e dos acessos às torres *K* e *L*, já postos a descoberto em 1968, foram localizadas mais duas portas, que haviam sido tapadas em fases de construção tardias. A torre semicircular *K* foi possivelmente construída mais tarde, na frente de alguma antiga passagem, e o recinto *L*, várias vezes modificado, podia ter tido uma saída para o lado do inimigo. Na parte nordeste da fortificação exterior foi descoberto, numa saliência em forma de bastião, um recinto interior *M*, acessível tanto pelo lado exterior como interior. Houve assim em determinado momento da construção talvez umas seis passagens, mas com toda a certeza quatro, que davam acesso ao espaço existente entre a fortificação interior e a exterior.

A planta mostra claramente que, entre as aberturas ou seteiras da barbacã e estas passagens, existia eviden-

temente uma conexão. São várias as seteiras orientadas directamente sobre aquelas passagens que deste modo ficavam dominadas pelos projecteis dos defensores da posição.

Uma terceira linha da fortificação, da qual há muito já se presumia a existência, e que na campanha de 1964 tinha sido debalde procurada, foi encontrada a cerca de 30 m. da frente da fortificação exterior. Esta linha defensiva avançada está também em vários sítios reforçada com sólidos baluartes maciços. Um agressor forte e numeroso encontraria assim pela frente uma primeira linha da fortificação, cujos defensores, em caso de necessidade, podiam retirar, através das passagens existentes na fortificação exterior, recuando para o espaço situado entre essa fortificação e a interior. Se o atacante continuasse, levando de vencida estas defesas, deparava ainda com os projecteis lançados das seteiras da barbacã da maciça fortificação central.

Como essas seteiras e as entradas da fortificação exterior foram mais tarde tapadas por novas construções, podemos considerar, com grande probabilidade, cronologicamente paralelas as fases de construção das fortificações interior e exterior, o que os exames stratigráficos praticados na zona entre essas duas fortificações (cortes 38, 39, 46 e 47) parece confirmarem.

Em cortes praticados a oeste do recinto foram encontrados muros com a frente voltada para o lado poente, ainda conservados até certa altura, mas que, todavia, revelavam indícios de várias reparações. Ficou assim provada a existência de uma fortificação circular envolvendo a fortificação central, o que já na reconstrução de 1964 se suspeitava existir. Pelo dispositivo desta fortificação circular, assim como das três linhas de muralhas, o traçado do Zambujal aproxima-se do de Vila Nova de S. Pedro.

Os trabalhos de restauro continuaram, e, respeitando-se a estrutura característica, foi uma das muralhas mais antigas reconstruída até 2 m. acima da altura que ainda conservava.

Entre o abundante espólio até hoje encontrado, além de algumas dezenas de milhar de fragmentos cerâmicos, contam-se com relativa frequência os achados de utensílios de cobre e de osso.

Depois de no corrente ano de 1970 se ter procedido ao estudo, em linhas gerais, de todo o conjunto fortificado, ocupar-nos-emos, na futura campanha de 1972, em esclarecer as directrizes de alguns lanços de muralha, e, muito principalmente, do estudo estratigráfico da zona entre as fortificações interior e exterior. (*)

(*) Este resumo do relatório da continuação das escavações em 1970, constituiu a Comunicação apresentada em 30 de Setembro do ano corrente pelo Sr. Dr. Hermanfrid Schubart ao II Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Coimbra. A versão portuguesa foi igualmente feita, com a devida permissão dos AA., pelo Sr. José Salgado Guimarães. (*Nota da Redacção*).

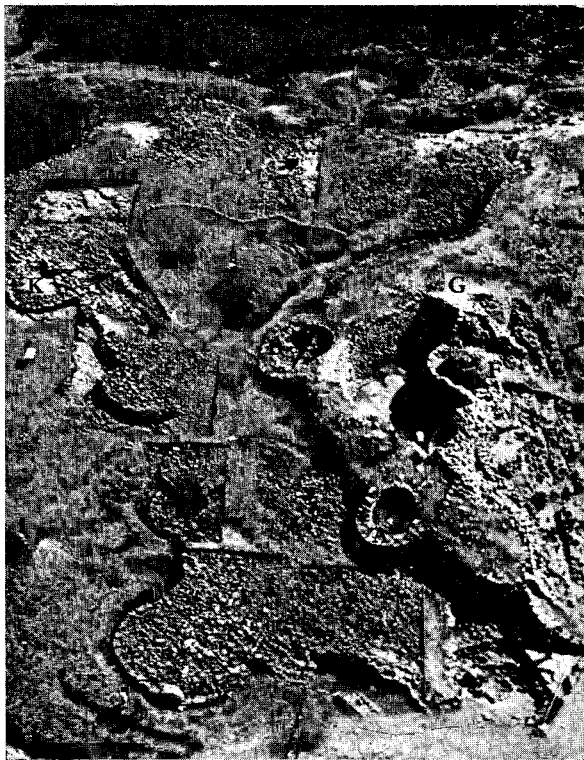


Fig. 1 — Zambujal. Vista aérea tirada do Norte



Fig. 2 — *Torre A*



Fig. 3 — *A barbacã vista do lado Sul*

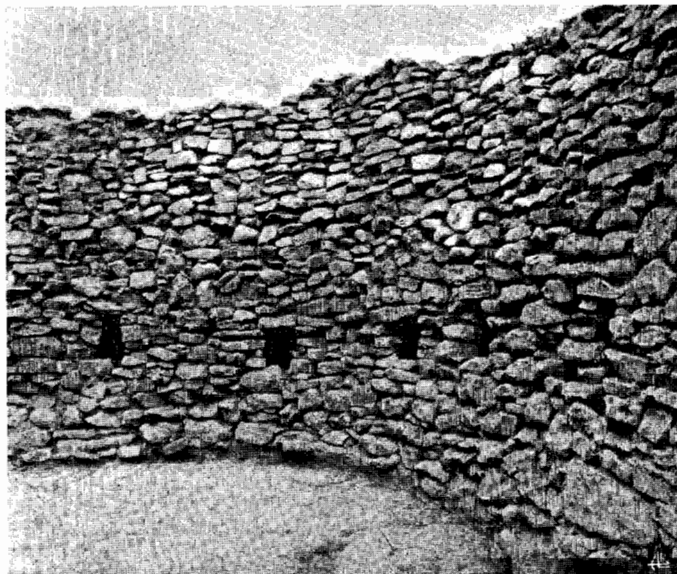




Fig. 5 — Vista de Sudeste da fortificação exterior (torre semicircular K) e da interior (torres circulares B e A).



Fig. 6 — Vista aérea tirada do Sul. (Campanha de 1970).



Fig. 7 — Zona central com torre B, entre a fortificação interior e a exterior (Campanha de 1970).